

Docência Orientada em Educação Musical: contextos de experiências na formação de professores

Daffny Cristina Molina Lemes
Universidade Federal de Santa Maria
daffnycristina@yahoo.com.br

Ana Carla Simonetti Rossato Tomazi
Universidade Federal de Santa Maria
aninhasrossato@yahoo.com.br

Washington Nogueira de Abreu
Universidade Federal de Santa Maria
washingtonmusic@yahoo.com.br

Resumo: É na docência que se constroem os modos/as maneiras de ser, de ensinar e de aprender a ser professor. A docência constitui-se em entrelugares de saberes específicos e saberes experienciais, em diferentes contextos da educação musical. E, assim, também acontece com estudantes de pós-graduação, quando estes experienciam a Docência Orientada (DO) junto às disciplinas dos cursos de graduação. Assim, essa escrita busca entender a importância que a DO assume enquanto dispositivo de formação (OLIVEIRA et. al., 2010) em nossas práticas como professores-pesquisadores em Educação e Educação Musical, na medida em que há um processo de diálogo e construção de saberes, estabelecido nas relações entre estes estudantes, a professora da disciplina ofertada e os alunos da graduação. Metodologicamente, a escrita se pautou nas narrativas de formação (CHIENÉ, 2010; JOSSO, 2010, 2007) para a compreensão dos dados produzidos, os quais partiram de escritas pessoais dos docentes orientados sobre as aulas realizadas originando, ao final, um relatório entregue ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). Como resultados destacam-se as modificações nas ações e pensamentos dos pós-graduandos quanto à articulação entre Música e Educação na formação de professores no Ensino Superior; as maneiras de propor, de organizar e de desenvolver uma aula; e, a possibilidade de conhecer elementos que constituem a docência no ensino superior.

Palavras-chave: Educação musical; Docência Orientada; Experiências de formação.

Apresentando o tema

A escrita está fundamentada em experiências formativas vividas no Ensino Superior, através da Docência Orientada (DO), por três estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). Estas experiências foram realizadas junto aos cursos de licenciatura em Música, Pedagogia e Educação Especial, os

quais têm em seu currículo as disciplinas de Estágio Supervisionado e de Educação Musical, respectivamente.

Para a produção deste relato de experiência, observamos algumas questões: o que é DO ou o que são os estágios de DO? Qual a importância de escrever sobre este assunto? Quais saberes e transformações que a DO pode provocar em nossos modos de pensar, agir e produzir sentidos com relação às pesquisas realizadas e, principalmente, à nossa atuação, como docentes orientados no Ensino Superior?

A partir destes questionamentos, narramos nossas experiências formativas em Estágio de DO, buscando entender qual a importância que esta assume enquanto dispositivo de formação em nossas práticas como professores-pesquisadores em Educação e Educação Musical. Também, fundamentamo-nos em Chiené (2010) e Josso (2010, 2007), para a construção das narrativas, as quais entendemos como narrativas de formação.

Para Chiené (2010, p.132), as narrativas de formação representam um segmento, um momento de nossas vidas, no qual o indivíduo que se narra está ou "esteve implicado num projeto de formação". Consideramos que a DO, além de um dispositivo de formação foi também um processo de construção profissional, em que estivemos implicados, fomos propositivos e modificados por nossas ações e pelas ações das pessoas envolvidas.

Acreditamos que narrar as experiências de DO junto às citadas disciplinas implica em (re)conhecermos as mudanças que o vivido no ensino superior potencializou a partir de reflexões sobre a atuação profissional, como professores-pesquisadores em formação. Também implica-nos em pensar as transformações nos modos de estarmos em e de construirmos a docência, como professores de música, articulando esse conhecimento à Educação.

Aspectos do Estágio de Docência Orientada na UFSM

De acordo com o Projeto Pedagógico do PPGE/UFSM (2018), os estágios de DO "são constituídos por atividades regulamentadas pela [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] CAPES e se configuram em uma forma de articulação entre a graduação e a pós-graduação, proporcionando processos formativos docentes aos mestrandos e doutorandos" (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2018, p.32).

No regulamento deste programa, Art. 50, fica definido o estágio de docência como

[...] uma atividade curricular para discentes de pós-graduação que se apresenta como disciplina denominada 'Docência Orientada', sendo definida como a participação de discente de pós-graduação em atividades de ensino na educação superior da UFSM, servindo para a complementação da formação pedagógica dos pós-graduandos. (Ibid., p. 32).

Ainda orienta, no §2, o seguinte texto:

§2 Para os efeitos deste regulamento, serão consideradas atividades de ensino: I – ministrar um conjunto pré-determinado de aulas teóricas e/ou práticas que não exceda a trinta por cento do total de aulas da disciplina; II – auxiliar na preparação de planos de aula e/ou atuar no atendimento extra- aula aos discentes; III – participar em avaliação parcial de conteúdos programáticos, teóricos e práticos; IV – desenvolver métodos ou técnicas pedagógicas, como estudo dirigido, seminários, etc. (Ibid., p. 32).

As ações desenvolvidas na DO além de estarem fundamentadas no Projeto Pedagógico do programa, possibilitam diversificadas experiências de docência aos pesquisadores de mestrado e doutorado. Estes professores-pesquisadores, têm suas ações regulamentadas pelo documento, o que permite a participação na construção dos planos de atividade de DO, planos de aula e demais funções que condizem com o ensino nos cursos de graduação, sob orientação do/a professor/a da disciplina e com anuência do/a orientador/a da pós-graduação.

Diante do exposto, as ações desenvolvidas na DO podem produzir, também, futuras reflexões acerca da formação de professores de Música, no nosso caso; as quais são potencializadas quando em docência somos provocados a pensar sobre essa prática. Acreditamos que as atuações nesse espaço, junto ao trabalho compartilhado com professores titulares, caracterizam-se como importante dispositivo formativo para os professores-pesquisadores em formação.

Entendemos ser necessário destacar que, quando falamos em dispositivo, remetemo-nos a aspectos que nos impulsionam a realizar certas ações, as quais podem nos modificar como pessoas, estudantes e pesquisadores, se percebermo-nos enquanto grupo, considerando a tríade - professor/a titular, docente orientado/a e orientador/a da pós-graduação.

Assim, o dispositivo, seja ele como grupo ou uma ação significativa que experienciamos, "[...] pode ser entendido como uma ferramenta, algo que se cria pela necessidade dos indivíduos, a partir das significações que estão em nível consciente e também inconsciente dos participantes do grupo" (OLIVEIRA et. al, 2010, p.136). Ainda, "o dispositivo passa a ser entendido como qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, um movimento onde o sujeito está implicado. Implica consigo, implicando-se a partir dos outros e implicando com os outros" (Ibid., p.141). Além de pensarmos na DO como dispositivo de formação, também podemos nos remeter aos modos pelos quais somos implicados por esse dispositivo.

Estar em DO é ser provocado e deixar-se provocar pela docência, para pensar os modos, gestos, saberes, ações que nos constituem professores/as e o ensino como um todo, partindo desde a educação básica (Educação Infantil, Anos Iniciais e Anos Finais do ensino fundamental, Ensino Médio) ao ensino superior. Conforme nos provoca Larrosa (2018, p.10), há diferentes tipos de professores. Esses são constantemente convocados a se reinventar frente às inúmeras situações que fazem parte do cotidiano escolar. Esses professores têm conhecimentos específicos, viveram processos formativos diversos e têm diferentes maneiras de ser e estar em docência.

Entendemos que este professor também está em constante mudança, buscando (re)construir-se a cada desafio da docência, a cada nova experiência, assumindo para si, que em sua essência habitam muitos "eus" profissionais, que precisam ser revisitados. Com essa intenção e atenção, também tomamos como base a realidade em que vivemos, de mudanças, das quais muitas foram e continuam sendo as lutas dos professores, por espaço, por qualidade de vida e de atuação profissional, que está refletido, nesse ano, na temática proposta pela Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM).

Narrando experiências de formação

A Docência Orientada (DO) como disciplina que compõe a matriz curricular do PPGE/UFSM, nos cursos de Mestrado e de Doutorado, é obrigatória apenas para estudantes bolsistas. Contudo, bolsistas e não bolsistas costumam realizar pelo menos uma das quatro

DO, das quais duas são relativas ao mestrado (DO I e DO II) e duas ao doutorado (DO III e DO IV).

Como orientação do programa, estando em DO é necessário construir um plano de ensino, no qual o estudante precisa realizar trinta por cento (30%) da carga horária da disciplina e este plano necessita ser aprovado pelo colegiado. Ao final da docência é necessário enviar o relatório das aulas realizadas, também passando pelo mesmo procedimento de aprovação.

Enquanto professores de música, por formação, sempre buscamos estar em docência junto às disciplinas que envolviam a música em seu componente curricular. Assim, nossas experiências foram construídas em diferentes frentes musicais e pedagógico-musicais, tendo na DO um importante dispositivo de formação. Também, é relevante destacar que estamos e/ou já estivemos atuando na escola de educação básica, o que nos permitiu ampliar nossos conhecimentos quanto à prática docente.

A DO, muitas vezes, colocou-nos em uma posição de observação ativa, quando éramos provocados a pensar essa docência no ensino superior e propor práticas musicais e pedagógico-musicais e/ou discussões que envolvessem a escola, a música e o ensino junto aos estudantes. Segundo Bellochio (2016), quando há um comprometimento dos envolvidos na formação em buscar, internalizar e refletir sobre os conhecimentos profissionais, pode gerar uma possibilidade de construção da docência a partir dos saberes da experiência.

Acredito na potência de ser professor como profissão, como trabalho ético e político, que se alicerça e flutua em saberes da docência. Entretanto, nem tudo o que é ensinado e aprendido no ensino superior é internalizado e se transforma em conhecimento profissional para o professor em formação acadêmico-profissional (BELLOCHIO, 2016, p. 10).

Esse processo, quando em diálogo com o/a professor/a responsável pela disciplina, possibilitava a ampliação do olhar para o tema estudado.

Para seguirmos com o texto e a apresentação das narrativas, tomamos a liberdade de construí-las em um tempo verbal diferente. Assumimos, nos próximos três subtítulos, o EU, primeira pessoa do singular, pois acreditamos que somente dessa forma poderíamos ser fiéis ao que foi experienciado por cada um de nós.

Experiência com o Estágio Supervisionado em Música: desafios e conquistas

A docência Orientada III se desenvolveu na disciplina de Estágio Supervisionado III (MEN1140) que corresponde aos anos finais do ensino fundamental, no primeiro semestre de 2019, em uma turma da Licenciatura em Música da UFSM. Os alunos eram jovens que, naquele momento estavam conhecendo e praticando a docência na escola. Para a realização da DO foi construído um plano de ensino com a professora-supervisora do estágio supervisionado, o qual foi aprovado pelo colegiado.

Ao exercer a função de docente orientado no ensino superior, precisei me reinventar em vários pontos, dentre eles a cultura e concepções sobre o ensino de música. Na minha realidade em Natal/RN, lugar ao qual resido, a formação esteve fundamentada na legislação brasileira de formação¹, na Educação, na Música e na cultura nordestina. Na condição de aluno da pós-graduação no Rio Grande do Sul, percebi o quanto o Brasil é rico em cultura e diversidade, necessitando de conhecimentos específicos que nos encaminhem para a atuação profissional de forma a ensinar a música a partir da experiência com ela. Assim, conhecer os estudantes de outra região do país, fez-me refletir sobre o meu processo formativo. Como anuncia Josso,

O processo de caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural (JOSSO, 2010, p.84-85).

Na DO III houve uma importante troca de experiências entre o ensino superior e a educação básica pelas relações pessoais e profissionais a partir dos conhecimentos construídos e o envolvimento na formação. Para apresentar os desafios e conquistas na DO apresento alguns apontamentos de meu relatório de docência, fonte de produção e reflexão para compreender sobre esse momento de ser professor no ensino superior.

A Docência Orientada III, realizada com a turma de Estágio Supervisionado III do curso de Música – Licenciatura, ampliou meus conhecimentos sobre ser docente em nível de graduação, bem como trouxe elementos para a

¹ Mais informações acessar: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/conselheiro.pdf>

discussão sobre ser professor e suas especificidades no contexto da educação básica (ABREU, 2019, p. 01).

Segundo Bellochio (2016), “Aí está uma imensa responsabilidade para os professores de música, que sempre estará presente quando pensamos em sua formação profissional: um desenvolvimento profissional e ético com o seu trabalho, inicialmente, como estudantes e, posteriormente, como professores de música” (BELLOCHIO, 2016, p. 16). Assim, a experiência de desenvolver a DO no ensino superior trouxe-me reflexões acerca da concepção sobre o ensino.

Dúvidas e incertezas fazem parte do processo formativo. Mas é necessário um olhar atento por parte do professor para compreender que no silêncio pode estar um som que transmita formas de compreensão dos conhecimentos que estavam sendo apresentados. Pensei em minha formação inicial e na minha história de vida.

Esse momento foi importante em minha formação porque acompanhei os futuros professores em sua construção teórica de estágio. Da mesma forma, percebi as angústias e desejos dos futuros professores de música em relação a sua atuação na escola de educação básica, anos finais do ensino fundamental. Pensar sobre o planejamento, leituras de planos de aula e relatório dos estudantes foram movimentos assumidos na disciplina de estágio supervisionado (ABREU, 2019, p. 01).

Fui me reconstruindo, readaptando, colocando-me a refletir sobre minha formação a partir das experiências vividas como ponto de partida para uma construção de professor-pesquisador. Para Josso (2007), a experiência pensada, refletida e escrita pelos sujeitos “[...] constitui uma contribuição para *a abordagem globalizadora e dinâmica da construção de si como uma disponibilidade constante à existência e, assim sendo, uma atenção consciente ou uma escuta sensível ao que se manifesta de nossa existencialidade no tempo presente*” (JOSSO, 2007, p. 424, grifos da autora). Assim,

A Docência Orientada me proporcionou participar, de forma ativa, na formação dos futuros professores de música do curso de Licenciatura da UFSM. Essa experiência me fez refletir sobre minha prática docente desde a graduação até os dias de hoje. Um dia também tive minhas angústias, desejos, crenças sobre o ser professor. Hoje minha concepção é de ação-reflexão-ação. Esse momento na docência orientada requisitou minha memória e me fez ressignificar minha docência ao poder compartilhar de minhas experiências como aluno, professor e agora como formador. (ABREU, 2019, p. 08).

A partir da experiência na DO, a formação se construiu nas relações tecidas entre diferentes para a preparação à docência, relações entre a professora responsável pela disciplina de estágio supervisionado e os alunos da graduação com meus processos de transformação pessoal e profissional.

Disciplina de Educação Musical na Pedagogia/Noturno: experiências da docência orientada em Música

Apresento reflexões acerca das experiências formativas durante a realização da DO I e II (2018 e 2019) no contexto da disciplina de Educação Musical (MEN 1180), que compõem a matriz curricular do curso de Pedagogia/Noturno, da UFSM. Essa disciplina tem como objetivos

Compreender a educação musical como conhecimento na infância e da educação de jovens e adultos. Conhecer a educação musical em seu processo histórico. Compreender a relação do professor unidocente na construção do conhecimento musical. Construir propostas de educação musical para diferentes níveis. Conhecer os fundamentos da linguagem musical. Planejar e desenvolver aulas de educação musical (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2018).

Conforme Bellochio, Weber e Souza (2017), entendo que “[...] a natureza do trabalho do professor que atua nos primeiros anos de escolarização é construída pela unidocência, a qual é complexa e agrega diferentes áreas para a potencialização do desenvolvimento dos estudantes” (Ibid., p.205). Diante disso, as proposições das aulas foram fundamentadas em referências (CIAVATTA, FERREIRA, SANTOS, 2016; BELLOCHIO, 2014; DECKERT, 2012; WERLE, 2011; BRITO, 2003; LABAN, 1978) com o objetivo de problematizar a prática musical do professor unidocente no contexto da escola de Educação Básica. Cabe ressaltar que as referências estudadas eram disponibilizadas anteriormente no ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) Moodle, contribuindo no acesso e condução das ações planejadas.

As propostas comungavam com a perspectiva que considera a vivência musical como ponto de partida para a conscientização musical e que “primeiramente é preciso viver e fazer música, depois, pensar sobre ela” (PAREJO, 2011, p.103). Assim, cada aula desenvolvida foi pensada a partir das vivências e experiências trazidas pelas estudantes,

relacionando autores e práticas musicais. A maioria dessas proposições tiveram como eixo – voz, corpo e movimento.

Segundo Palheiros e Bourscheidt (2011) “o corpo é um meio para a expressão da emoção musical, sendo essencial para interpretar ou dirigir. Quando o fazer musical inclui o movimento, a criança pode ter uma experiência musical mais profunda” (Ibid., p.323). Métodos como “O Passo”, de Lucas Ciavatta, foram utilizados como meio de potencializar estas práticas. “O Passo parte do andar, algo que todo o ser humano, em condições normais, já chega à aula de música sabendo” (CIAVATTA; FERREIRA; SANTOS, 2016, p.210). Partimos de canções infantis e propostas musicais baseadas na utilização do próprio corpo como instrumento sonoro e parte dessa consciência corporal, assim tornando-se uma ferramenta potente para a execução musical na escola de Educação Básica, tendo em vista que muitas escolas não possuem ferramentas, instrumentos, para musicalização das crianças. Destaco que essas ações também contribuíram na construção de um repertório musical, ação fundamental para a elaboração de planejamentos em Educação Musical.

Conforme Souza (2011) “os experimentos sonoros não devem ser treinados e dirigidos, mas ao contrário eles devem ser desenvolvidos a partir das relações do próprio grupo” (Ibid. p.234). Através de aproximações e diálogos, percebemos que as narrativas compartilhadas potencializaram um contato mais próximo e constante revelando-se essencial para as interações e práticas desenvolvidas. Partindo dessa perspectiva, acredito que as práticas propostas nas atividades de DO I e II, se tornaram poderosos catalizadores de reflexões e compreensão de possibilidades da Educação Musical na formação de professores especialistas e professores unidocentes.

Neste sentido, apresento fragmentos do meu relatório de DO, que reafirmam essas concepções:

[...] penso que as práticas desenvolvidas as aulas do curso de Pedagogia/Noturno, contribuíram para minha formação como professora/pesquisadora, assim refletindo sobre questões relacionadas a Educação Musical: na formação de professores unidocentes, no processo do estágio supervisionado na Pedagogia, as dificuldades e dilemas vividos por essas estudantes ao longo desse processo e entre a teoria e a prática musical presentes na sala de aula durante estágio supervisionado (LEMES, 2019, p.05).

[...] compartilhando vivências, experiências e diálogos, possibilitou-me a reflexão (como futura mestre em Educação) sobre o lugar de uma disciplina de Educação Musical no curso de Pedagogia e suas contribuições e impactos na formação dessas futuras pedagogas. Cada narrativa e compartilhamento entre alunas-professora-docente orientada sobre as propostas desenvolvidas, fez-me refletir e repensar sobre a formação musical dessas professoras unidocentes e a importância da presença da Música na formação dessas professoras. Percebo que as práticas desenvolvidas ao longo de semestre se tornam subsídios para as reflexões, concepções e importância dada para a área da Música na prática cotidiana dessas futuras professoras (LEMES, 2019, p.05).

Portanto, essas experiências caracterizaram-se como um dispositivo formativo, para as estudantes e para a docente orientada. Os encontros compartilhados, as práticas desenvolvidas colaborativamente, o ato de observar, planejar, exercer a docência no Ensino Superior e, posteriormente, redigir o Relatório de Docência Orientada, tornaram-se um objeto de reflexões e discussões sobre minha prática como professora-pesquisadora, conduzindo-me para ações a serem desenvolvidas ao longo de minha trajetória formativa.

Experiência com a Educação Musical na turma de Educação Especial Diurna

Em um ano bastante atípico, vivi uma experiência de DO muito singular em minha formação. Como estudante de doutorado realizei a quarta experiência de docência, com a minha orientadora. Mas, nenhuma delas foi igual à outra. Na primeira docência, ainda no mestrado, minhas ações eram diferentes, eu estava muito ligada à graduação, às discussões que realizávamos e às experiências como professora de música, vividas naquele momento (2017 e 2018). Mas, este foi um início importante, considerando que as duas primeiras experiências foram com o Estágio Supervisionado em Música, que me era familiar.

Na terceira e na quarta DO estando agora no doutorado, as proposições mostraram-se mais seguras e, talvez, profundas, pois estava assumindo outros modos de pensar a educação musical, não mais na disciplina do curso de Música, mas sim, nas disciplinas de Música e Educação, na Pedagogia (DO III) e, recentemente, Educação Musical, na Educação Especial (DO IV). Apesar de eu entender ser importante compartilhar sobre estas experiências, irei me deter na quarta docência, realizada com a Educação Especial – Diurna, durante o primeiro semestre de 2020.

Em 2020, primeiro semestre, matriculada na DO IV – disciplina de Educação Musical (MEN 1081) – na Educação Especial, tendo construído o plano, discutido conjuntamente com minha orientadora e, também, professora responsável pela disciplina e, estando este aprovado, iniciamos² nossas atividades junto às estudantes do quinto semestre de Educação Especial. No entanto, tivemos apenas uma oportunidade de nos encontrarmos presencialmente, logo iniciando o isolamento social, devido à Pandemia do COVID-19.

Pensávamos que nada seria possível, seria um ano perdido! Mas, felizmente, iniciamos algumas proposições através do AVEA Moodle, por aulas assíncronas, nas quais disponibilizávamos textos e criávamos tarefas, que deveriam ser postadas no Moodle, até a instituição se posicionar com relação ao procedimento a ser adotado para o andamento do semestre.

Muitas vezes nos questionávamos sobre essa forma de realização das aulas e, por vezes, nos provocávamos a pensar em como elas seriam no modo virtual, síncrono. Nosso interesse esteve voltado a pensar como ensinar música e os conhecimentos musicais e pedagógico-musicais que envolviam a disciplina. Assim, fomos seduzidas às gravações de vídeos e às postagens destes no Moodle. Logo, percebemos que essas ações foram fundamentais para que os estudantes compreendessem melhor os conteúdos musicais que estávamos desenvolvendo, e isso nos levou a considerar a realização de aulas síncronas.

Após algumas análises e reuniões, a instituição decidiu adotar o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE), considerando a suspensão das atividades presenciais.

Segundo o documento, em seu Art. 3º, define que o REDE

[...] é uma combinação da excepcionalidade dos exercícios domiciliares com as características do ensino remoto e da mediação por Tecnologias Educacionais em Rede (TER) e, portanto: I - É transitório e aplica-se durante o período de suspensão das atividades presenciais em face da Pandemia da COVID-19 [...]; II - A metodologia da modalidade presencial é adaptada, emergencialmente, para o REDE, onde se aplicam estruturas que envolvem recursos diferenciados, atividades continuadas e formativas, possibilidade de sincronidade (na aula remota com presencialidade do virtual), bem como planejamento e avaliações adaptados às Tecnologias Educacionais em

² Passo a construir o restante da minha narrativa em primeira pessoa do plural – nós – pois as experiências que narro foram vividas e discutidas em conjunto, o que não me autoriza a escrever considerando apenas o "eu", mas sim o "nós".

Rede; e III — Difere-se, substancialmente, da modalidade de Educação a Distância (EaD), tanto pelo caráter transitório-emergencial, quanto pelo formato, que na EaD possui peculiaridades bem definidas e é regulado por legislação própria (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2020)³.

Com a aprovação do REDE, passamos a realizar nossas aulas de modo síncrono. Ao aderirmos a ele, percebemos que os estudantes passaram a participar das aulas e a interagir mais do que no modo assíncrono. Contudo, na primeira etapa de realização dos trabalhos, apenas 40% dos estudantes se fizeram presentes, o que nos levou a realizar uma segunda etapa de aulas síncronas somente com a outra parcela de estudantes que não havia participado no primeiro momento. Estes foram diferenciais importantes para a nossa prática docente, pois passamos a discutir mais sobre música, tendo certa garantia de que estávamos sendo acessíveis aos estudantes. E, apesar do distanciamento foi-nos possível desenvolver algumas ideias quanto à apreciação musical orientada, à prática musical com pequena percussão, tendo importante repercussão dos estudantes, inclusive em suas fichas de autoavaliação.

Para finalizar, transcrevo um pequeno trecho do meu relatório de DO, que me coloca como estudante, professora e pesquisadora em formação e se traduz por marcas possibilitadas pela experiência de docência no ensino superior.

Realizar a docência orientada em uma turma de Educação Especial foi uma experiência riquíssima e diferente, pois o modo pelo qual meu pensamento estava organizado voltava-se substancialmente às práticas musicais com professores de música e/ou com professores referência/unidocentes [...] senti-me provocada e, por vezes, até como se eu estivesse perdida em meu discurso e em meus pensamentos. Durante as conversas com a professora Cláudia, nas trocas de e-mails, eu falava desses sentimentos e era sempre muito acolhida e sentia que estava em um processo de mudança, justamente por ter transitado na Música, na Pedagogia e na Educação Especial. Afinal, são essas experiências e os aprendizados que levamos conosco que nos tornam melhores e mais proativos a cada dia (TOMAZI, 2020, p.6).

Tecendo algumas considerações

³ Para maiores esclarecimentos, acessar o site: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/2020/03/17/ufsm-adota-regime-de-exercicios-domiciliares-especiais-rede-durante-a-suspensao-das-atividades-presenciais/>

Durante a DO foi-nos possível repensar o elo que une Música e Educação, a partir dos diferentes espaços assumidos enquanto professores-pesquisadores em formação, construindo-nos cada vez mais conhecedores do universo de ensino musical e das relações que são tecidas entre Música, Pedagogia e Educação Especial. Ao desenvolvermos nossas ações no ensino superior, percebemos que fomos constantemente provocados a nos reinventarmos e a olhar para os diferentes modos de pensar a música. Ainda, pudemos verificar que a educação musical se revela de diferentes formas na compreensão dos estudantes dos referidos cursos.

Assim, ao pensar significamos, ao narrar e escrever sobre, ressignificamos. É com essas palavras que chegamos ao fim desta escrita, que nos possibilitou entender nossas experiências de DO, junto a diferentes cursos de graduação. As experiências vividas foram fundamentais para pensarmos e conhecermos melhor parte do funcionamento da educação construída no ensino superior, as constantes proposições e re-proposições de aulas e temáticas, também se mostraram ser um ambiente fecundo para uma construção docente mais profunda e conhecedora do ensino e dos modos de agir, de ser e de ensinar, que constituem o ofício de professor (LARROSA, 2018).

Referências

ABREU, Washington Nogueira de. *Relatório de Docência Orientada III*. Universidade Federal de Santa Maria. Não publicado, 2019. p.1-9.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Educação Básica, professores unidocentes e música: pensamento em tríade. In: BELLOCHIO, Cláudia; GARBOSA, Luciane (Org.). *Educação Musical e Pedagogia: pesquisas, escutas e ações*. Campinas: Mercado de Letras, 2014. p. 47-68.

_____. Formação de professores de música: desafios éticos e humanos para pensar possibilidades e inovações. In: *REVISTA DA ABEM*. Londrina, PR: v.24, n.36, p. 8-22, jan./jun., 2016.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; WEBER, Vanessa; SOUZA, Zelmielen Adornes de. Música e Unidocência: pensando a formação e as práticas de professores de referência. *Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador: v. 26, n. 48, p.205-221, jan./abr. 2017.

BRITO, Teca Alencar. Sonorização de histórias. In: BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2003. p. 161-172.

CHIENÉ, Adèle. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal/São Paulo: UFRN/Paulus, 2010, p.129-142.

CIAVATTA, Lucas; FERREIRA, Daniela; Santos, João. Lucas Ciavatta: O Passo – corpo e mente no mesmo andamento. In: *Pedagogias brasileiras em Educação Musical*. Tereza Mateiro, Beatriz Ilari (Org.). Curitiba: InterSaber, 2016. p.206-230.

DECKERT, Marta. A música como linguagem. In: *Educação Musical: da teoria à prática em sala de aula*. DECKERT, Marta (Org.). São Paulo: Moderna, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Porto Alegre: n. 3 (63), set./dez., 2007. p.413-438.

_____. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira. 2.ed. revista e ampliada. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 341p.

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. Ed. 5. São Paulo: Summus, 1978.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor*. Tradução Cristina Antunes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LEMES, Daffny Cristina Molina. *Relatório de Docência Orientada II*. Universidade Federal de Santa Maria. Não publicado, 2019. p.1-7.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de et al. Dispositivo de Formação: vivências no espaço grupal. São Paulo: *Revista @mbienteeducação*. v. 3, n. 1, 2010. p.134-147.

PALHEIROS, Graça Boal; BOURSCHEIDT, Luís. Jos Wuytack: A pedagogia musical ativa. In: MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogia em Educação Musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. p.305-341.

PAREJO, Enny. Edgar Willems: um pioneiro da Educação Musical. In: MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogia em Educação Musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. p.89-123.

SOUZA, Jusamara. Gertrud Meyer-Denkman: uma educadora musical na Alemanha pós-Orff
In: MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz (Org.). Pedagogia em Educação Musical. Curitiba: Ibpe, p.219-241.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Centro de Educação. *Curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno*. Santa Maria, 2020. Disponível em:
<https://www.ufsm.br/ementario/disciplinas/men1180/>. Acesso em: 31 de agosto de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Projeto Pedagógico – PPGE. Santa Maria, 2018. 147p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Resolução n.024*, de 11 de agosto de 2020.
Regula o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) e outras disposições afins, durante a Suspensão das Atividades Acadêmicas Presenciais em face da Pandemia da COVID-19. Disponível em:
<https://portal.ufsm.br/documentos/download.html?action=arquivoIndexado&download=false&id=265269>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.

TOMAZI, Ana Carla Simonetti Rossato. *Relatório de Docência Orientada IV*. Universidade Federal de Santa Maria. Não publicado, 2020. p.1-7.

WERLE, Kelly. Sonorizando histórias e discutindo a Educação Musical na formação e nas práticas de pedagogas. *Música na Educação Básica*, v.3, n.3, 2011. p.84-95.